

CONVENCIONALISMO E SEXISMO NUMA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA

*PEDRO ALEXANDRE COSTA^(***); HENRIQUE PEREIRA^(**) E ISABEL LEAL^(*)*

Sexismo pode ser encarado como uma forma de preconceito que tem por base uma atitude negativa inflexível contra as mulheres (Allport, 1954). Contudo, esta forma de preconceito não é unidimensional. Investigação recente tem revelado que na sua natureza, sexismo se reveste não só de uma forma clássica de hostilidade contra as mulheres, mas também de uma forma mais subtil, caracterizada por uma protecção aparentemente positiva e paternalista a que se chama sexismo benevolente. Estas duas formas de preconceito servem como mecanismos de manutenção de uma desigualdade de género em diferentes contextos (Glick & Fiske, 1997; 2001). Mantendo estas duas formas em simultâneo, os autores Glick e Fiske sugerem que se trata de sexismo ambivalente, defendendo, desta forma, a multidimensionalidade do conceito de sexismo (Glick & Fiske, 1996).

Em contraste, teóricos da natureza social do preconceito sustentam que grupos frequentemente vitimizados e negativamente avaliados – como as mulheres – desenvolvem estratégias activas contra a desigualdade de poder exercida pelo grupo dominante sobre eles – os homens (Allport, 1954; Tajfel, 1981). Também nesta resposta se encontram estratégias ambivalentes, ou seja, estratégias hostis e estratégias ‘maternalistas’ (Glick & Fiske, 1999). Desta forma, a ambivalência que caracteriza as relações entre homens e mulheres pode ser não só explícita e hostil, como subtil e benevolente.

Num estudo transcultural envolvendo 19 países e mais de 15000 participantes, demonstrou-se que não só as duas formas de sexismo são de facto complementares, como também constantes em diversas culturas. De uma forma geral, as flutuações nos níveis de sexismo hostil e benevolente relacionaram-se com os índices de desigualdade de género e convencionalismo nacionais, sendo que países como o Reino Unido, Austrália ou Holanda, caracterizados por uma maior igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, obtiveram os menores níveis de sexismo ambivalente, especialmente em comparação com países como Cuba, África do Sul ou Nigéria, onde as desigualdades sociais, que não só de género, são mais prevalentes (Glick, et al. 2000).

Estas atitudes sexistas estão, então, fortemente associadas a valores sociais convencionais e a outras desigualdade sociais que não só de género, como racismo (Glick & Fiske, 1996), religiosidade, classe social e valores humanos (Belo, Gouveia, Raymundo & Marques, 2005; Formiga, 2007).

^(*) Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde, ISPA – Instituto Universitário; ^(**) Universidade da Beira Interior.

O presente estudo teve como objectivo avaliar as atitudes sexistas numa população universitária portuguesa, tendo em conta as diferenças de género nos níveis de preconceito e a sua relação com crenças socialmente convencionais.

MÉTODO

Participantes

Os participantes foram recrutados através de uma amostragem por conveniência em duas universidades portuguesas, Instituto Superior de Psicologia Aplicada e Universidade da Beira Interior. 271 estudantes universitários responderam ao questionário, com idades compreendidas entre os 18 e os 52 anos ($x=27$, $dp=8$). A maioria dos estudantes foram do sexo feminino (69%), estudantes de licenciatura ou mestrado, heterossexuais (98%), solteiros (81%) e Católicos (71%). No que diz respeito à proveniência geográfica, a maioria foi de Castelo Branco (23%), de Lisboa (21%) e do Porto (12%).

Material

O questionário elaborado para este estudo consistiu no Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA; Glick & Fisk, 1996), Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (IAH; Glick & Fiske, 1999) e Escala de Convencionalismo Social (ECS; Costa, Pereira & Leal, *em preparação*). A Escala de Convencionalismo Social consiste em 10 afirmações sobre valores sociais que pretende avaliar o nível de aderência a valores sociais conservadores (ex. “Na justiça criminal, a punição é mais importante do que a reabilitação”; “Deveria haver uma maior restrição à entrada de imigrantes no nosso país”). Esta escala divide-se dois factores: Justiça Social e Valores sociais.

O Inventário de Sexismo Ambivalente consiste em 22 afirmações que pretendem avaliar o nível de sexismo (hostil e benevolente) em relação às mulheres. Finalmente, o Inventário de Ambivalência em relação aos Homens consiste em 20 afirmações sobre o nível de ambivalência sexista (hostil e benevolente) em relação aos homens. Os três instrumentos foram medidos numa escala de *Likert* de 5 pontos (desde “discordo totalmente” a “concordo totalmente”). Mais detalhes sobre o processo de adaptação destes instrumentos são descritos em Costa, Pereira e Leal (*em preparação*).

Procedimentos

Os participantes foram contactos por e-mail através das *mailing-list* de estudantes das duas universidades. Neste e-mail, os participantes foram convidados a participar num estudo sobre “Crenças sobre as Relações entre Homens e Mulheres” disponível num sítio da internet criado para o

efeito. Os participantes foram assegurados da confidencialidade e anonimato da sua participação, e os resultados foram recolhidos inteiramente *online*.

RESULTADOS

Relação entre Sexismo e Convencionalismo Social

Para avaliar a relação entre as dimensões de sexismo e de convencionalismo, foram realizadas correlações de *Pearson*. Como se pode verificar no quadro 1, todas as correlações foram significativas. Como esperado, O ISA e o IAH obtiveram uma correlação elevada, uma vez que ambos avaliam níveis de sexismo ou em relação aos homens ou em relação às mulheres. As correlações entre os inventários de Sexismo e Convencionalismo Social foram moderadas, tendo em conta que medem construtos diferentes mas relacionados entre si.

Quadro 1 – Correlações de *Pearson* entre as dimensões de sexismo e convencionalismo

	ISA	SH	SB	IAH	HH	BH	ECS	JS	VS
ISA	---	.790*	.825*	.713*	.410*	.783*	.484*	.373*	.370*
IAH	.713*	.448*	.695*	---	.836*	.833*	.441*	.316*	.357*
ECS	.484*	.421*	.364*	.441*	.244*	.494*	---	.711*	.813*

* $p < .001$

Diferenças de género nos níveis de Sexismo e de Convencionalismo Social

Para averiguar diferenças de género nas dimensões de sexismo e convencionalismo foram realizados seis testes *t-student* para amostras independentes. Os resultados revelaram que os homens, comparados com as mulheres, apresentaram níveis mais elevados de sexismo hostil e de sexismo benevolente contra as mulheres e níveis mais elevados de benevolência em relação aos homens. Em contraste, as mulheres apresentaram, maior hostilidade contra os homens. Não foram encontradas diferenças significativas entre homens e mulheres nos níveis de convencionalismo social.

Quadro 2 – Média, desvio padrão e estatística *t-student*

	Homens N=85	Mulheres N=186	
Sexismo hostil	2.98 (.84)	2.57 (.61)	$t(269)=4.575^*$
Sexismo benevolente	2.90 (.62)	2.68 (.63)	$t(269)=2.669^{**}$
Hostilidade homens	2.50 (.69)	2.85 (.67)	$t(269)=4.041^*$
Benevolência homens	2.69 (.75)	2.38 (.63)	$t(269)=3.498^{**}$
Justiça social	2.30 (.67)	2.18 (.62)	$t(269)=1.453$
Valores sociais	3.11 (.90)	2.97 (.70)	$t(269)=1.330$

* $p < .001$ ** $p < .05$

DISCUSSÃO

Como esperado, este estudo revelou que o modelo de Sexismo Ambivalente proposto por Glick e Fiske (1996; 1999), assente numa diferenciação entre sexismo hostil e sexismo benevolente, é constante em diferentes culturas. Também em Portugal se verificou esta diferenciação ambivalente tanto em relação aos homens como em relação às mulheres. No seguimento de estudos Brasileiros sobre a relação entre formas de sexismo e valores humanos, também nesta amostra foram encontradas associações positivas entre os níveis de sexismo de universitários Portugueses e os seus níveis de convencionalismo social (Belo et al., 2005). Por outro lado, as correlações entre os inventários de sexismo ambivalente em relação às mulheres e de sexismo em relação aos homens foram mais elevadas neste estudo do que num estudo semelhante com estudantes universitários Espanhóis ($r=.59$) sugerindo uma ideologia de género em estudantes universitários Portugueses mais rígida do que na mesma população em Espanha (Fernández & Castro, 2003).

No que diz respeito às diferenças de género, os resultados encontrados neste estudo foram de encontro ao que tem sido consistentemente reportado na literatura. Os homens revelaram maiores níveis de hostilidade e de benevolência em relação às mulheres e maiores níveis de benevolência em relação aos homens. As mulheres, em contraste, revelam maiores níveis de hostilidade contra os homens (Glick & Fiske, 1996; 1999; Fernández & Castro, 2003; Belo et al., 2005). Em comparação com os resultados encontrados em Espanha, os estudantes Portugueses do sexo masculino obtiveram níveis de sexismo em relação às mulheres um pouco inferiores aos dos Espanhóis. Contudo, as estudantes do sexo feminino Portuguesas obtiveram níveis de sexismo contra os homens um pouco superiores (Fernández & Castro, 2003). Tendo em conta que o preconceito contra o grupo dominante – os homens – é mais forte quanto maior é a desigualdade sentida pelo grupo discriminado – as mulheres – estes resultados parecem sugerir que em Portugal há uma maior desigualdade entre os géneros e discriminação das mulheres mais acentuadas do que no país vizinho.

Pode-se concluir existir evidência de sexismo hostil e benevolente na população universitária Portuguesa, e que esta realidade se verifica tanto em relação aos homens como em relação às mulheres. O sexismo em relação às mulheres é mais prevalente em homens, como esperado, mas as mulheres demonstraram também um nível significativo de hostilidade contra os homens, sinalizando uma luta de género muito presente no contexto Português. Esta realidade é ainda mais preocupante se for tido em conta a idade jovem desta população, que continuará a perpetuar estas atitudes no futuro com reflexos directos no acesso a oportunidades de emprego, no bem-estar e na qualidade de vida de homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading: Addison-Wesley.
- Belo, R. P., Gouveia, V. V., Raymundo, J. S., & Marques, C. M. C. (2005). Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 7-15.
- Costa, P. A., Pereira, H., & Leal, I. (em preparação). Adaptação dos inventários de sexismo ambivalente e de ambivalência em relação aos homens de Glick e Fiske.
- Fernández, M. L., & Castro, Y. R. (2003). Evaluación del sexismo ambivalente en estudiantes gallegos/as. *Acción Psicológica*, 2, 131-136.
- Formiga, N. S. (2007). Valores humanos e sexismo ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19, 381-396.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 491-512.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women. *Psychology of Women Quarterly*, 21, 119-135.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1999). The Ambivalence toward Men Inventory: Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 519-536.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56, 109-118.
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., et al. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 763-775.
- Tajfel, H. (1981). *Social identity and intergroup relations*. London: Cambridge University Press.